



Ficção Científica latino americana como representação do Tempo Presente

Yarú Mills Siqueira¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo a reflexão teórica da pesquisa de dissertação de título “Ficções da (de) colonialidade? As construções identitárias e as concepções de tempo na literatura de Ficção Científica Latino Americana no século XXI.” que busca a análise histórica da obra literária de Ficção científica (FC) “El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana” (2021), onde propomos o diálogo entre os limites da ficção e a história, bem como como se imaginam os entrelaçamentos temporais de passado, presente e futuro nos contos contidos na obra, em seu prólogo e relatos dos autores contidos ao final de cada conto, também realizaremos a aproximação com o pensamento decolonial. Recorreremos às de percepção de tempo histórico propostas por Reinhart Koselleck, com as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa e de François Hartog, com a hipótese do Presentismo e também, utilizaremos as reflexões dos pensadores Santiago Castro-Gómez, Ramón Grosfoguel e Walter D. Mignolo na obra "El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global" (2007) para compreender a pluriversalidade das epistemes encontradas na obra. Os espaços de experiências e horizontes de expectativas são variados, mas também incluem nessa tensão do tempo presente em imediata crise, a centelha decolonial, onde as epistemes híbridas que compõem a América Latina tem seu valor e seu espaço nas narrativas.

Palavras-chave: América latina; Ficção científica; Momento presente; História; Literatura.

Introdução

A literatura, por muito tempo, não foi um objeto de pesquisa da história, porém com as novas perspectivas propostas a partir do século XX, viemos a considerar esses documentos como possíveis para uma compreensão mais expandida da realidade histórica, e com a literatura de Ficção Científica? Seria possível fazer o mesmo? A proposta é estudarmos essa relação temporal, essa tensão, como aparecem as marcas do tempo em que uma obra é escrita, mesmo que ela, muitas vezes, possa propor uma ideia de futuro.

Partimos da premissa pensada por Marc Bloch, o objeto de estudo da História é o ser humano e sua relação com o tempo

[...] “Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: **“Dos homens, no tempo”**. O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. (Bloch, 2001, p.55, grifo nosso)

¹Mestrando em História pela Universidade Federal da Integração-Latino-Americana (UNILA). Bolsista do Programa de Bolsa Institucional (PROBIU).



ainda que me incomode a generalização da palavra “homem” a referir-se a “humanidade”, essa foi a provocação inicial para esse estudo, aproveito para trazer de forma complementar Márcia Valéria Zamboni Gobbi, “toda criação artística é produto de um tempo e de um lugar específicos, e corresponde a uma determinada atuação do homem em interação com o seu universo” (Gobbi, 2004, p. 37).

A obra escolhida para essa aventura através do tempo é a coletânea de contos compilada por Rodrigo Bastidas Pérez “*El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana*”, publicado em fevereiro de 2021 pela editora Minotauro em Bogotá, Colômbia, em espanhol, reúne 14 contos dos principais autores da América Latina, além de relatos dos mesmos sobre o que é a FC no contexto latino-americano, bem como uma breve biografia.

A autoria dos contos conta com diversas nacionalidades: México, Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Argentina, Brasil, Uruguai e Chile, situados em momento contemporâneo pode nos dar pistas sobre o que tem pensado os escritores latino-americanos sobre seu tempo, as relações entre o passado eo futuro, bem como a própria seleção feita por Pérez pode nos apontar um senso estético e crítico sobre as mesmas questões.

O compilador da obra, Rodrigo Bastidas Pérez, é Doutor em Literatura pela *Universidad de los Andes* com sua tese “*En nuestro caso es encuentro. La ecdisis como herramienta crítica para el análisis de la ciencia ficción colombiana*” (Bastidas Pérez, 2019) onde propõe uma forma de análise para a literatura de ficção científica latino-americana, com ênfase à produzida na Colômbia. Em sua tese, também encontramos elementos para compreender que a FC produzida na América Latina, está é necessariamente distinta da *mainstream*, dominada pela Europa e Estados Unidos, e que reúne elementos que mesclam mais do que propõe o próprio nome do gênero, ciência e ficção, como também elementos da Pluriversalidade² que compõem o território latino-americano, com suas cosmovisões, costumes, gírias e os atravessamentos de raça, classe e gênero juntamente com as feridas da colonialidade.

Algumas das belezas e assombros que podemos encontrar em “*El tercer mundo después del sol [...]*” (2021) são por exemplo, a projeção de universos onde sabedorias

² Pensamos a pluriversalidade a partir da frase zapatista “*Es necesario hacer un mundo nuevo. Un mundo donde quepan muchos mundos, donde quepan todos los mundos.*”.



ancestrais indígenas coexistem com viagens intergalácticas, onde o alto conhecimento botânico entra em contato com uma nova espécie de flor enteógena em meio à crise climática, o apocalipse climático que leva a colonização dos pólos com a permanência do modelo de exploração capitalista, experimentos de biotecnologia que saem do controle e geram uma crise de memória e identidade mundial, Inteligências Artificiais Personalizadas que se organizam para resgatar informações omitidas por governos corporativos, estéticas *cyberpunk* pensadas nas periferias de Buenos Aires, passados alternativos onde a colonização foi de fato para domínio da magia no planeta, uma cultura inca que não foi dominada e desenvolveu tecnologias mais avançadas que as ocidentais, etc.

Esta antologia, conta, sempre ao final de um conto, um relato crítico de cada autoria sobre a proposta outra de se escrever o gênero no território latino-americano, onde ousa-se sonhar por si os futuros de nossos povos, onde nossa complexidade étnico-cultural sobrevivem ao futuro, ao presente e ao passado. Por muito tempo a FC escrita na América latina era considerada realismo fantástico, porém a obra mostra que nossa FC pode conter o fantástico sem deixar de lado o científico, e que a ciência válida não é só as das ciências *duras*, como também as consideradas *blandas*.

La ciencia ficción latinoamericana históricamente ha sido definida desde la negación. [...] Las Principales negaciones que se implantan sobre la ciencia ficción latinoamericana están dictadas por la forma en la que se ha entendido la anglosajona y europea; por ello se suele decir que en Latinoamérica NO se habla realmente de ciencia, que NO hay ciencia ficción sino fantástico, que NO hay una identidad consolidada como en otros lugares, y otras tesis del mismo perfil. (Bastidas Pérez, 2021, p.8).

Podemos dizer que diversos contos propõem escancarar essa força de tensão entre os conhecimentos ditos ocidentais, científicos, racionais, com os conhecimentos ancestrais, tradicionais, místicos e que com isso, cria-se uma outra coisa, um novo mundo. Logo, propõe-se que diversos contos poderiam ser exemplos de um pensamento Decolonial. Como proposto no “*El giro decolonial*” (2005)

el mundo de comienzos del siglo XXI necesita una decolonialidad que complemente la descolonización llevada a cabo en los siglos XIX y XX. Al contrario de esa descolonización, la decolonialidad es un proceso de resignificación a largo plazo, que no se puede reducir a un acontecimiento jurídico-político (Grosfoguel, 2005). (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p.17).



Pensar e criar narrativas, que envolvam outras formas de conhecimento, seriam assim um modo de decolonizar a FC. “*El giro decolonial es la apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vida-otras (economías-otras, teorías políticas-otras).*” (Mignolo, 2007, p.29) Como comenta Rodrigo Batistas Pérez no prólogo da antologia:

Desmantelar patentes para crear universos propios [...] Es justamente la ciencia ficción latinoamericana actual la que permite una visión amplia e inclusiva de la ciencia como lugar en el cual se construyen procesos de identidad-otros, que adoptan y adaptan las herramientas estructurales del género. (2021, p.10)

Logo concluí o prólogo com a hibridez proposta na obra:

Concibamos un mundo en el que gracias a los conjuros del ciberchamanismo y los futuros andinos espaciales, ahora los guacamayos vuelen entre galaxias, canten himnos espacio-temporales y embellezcan con sus colores a nuestra madre universo. (2021, p. 14)

Reflexões sobre o tempo presente: entre experiências, expectativas, angústia e a energia de reação.

Conforme abordamos, “*El tercer mundo después del sol [...]*”, foi publicada em fevereiro de 2021, em meio a pandemia mundial de Covid-19, iniciada em 2020 e na qual foi declarado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) superado estado de emergência internacional apenas em maio de 2023, com estimativa nesse período de ao menos 20 milhões de mortos no mundo todo (AFP). Mesmo que os contos não tratem da situação, com exceção do conto “*La sincronía del tacto*” da escritora mexicana Gabriela Damián Miravete, que menciona de forma metafórica o momento, ou o prevê:

Yo ansiaba la siguiente marea de la providencia para compartir todo eso con Ekar y Claudia, pero la combinación paulatina de la deforestación, las lluvias feroces, la contaminación del aire y las cada vez más agresivas mutaciones de las cepas de virus estacionales confinaron abruptamente a la población entera, especialmente a las biólogas defectuosas como yo. La vida en exteriores y el contacto humano se volvieron letales. Las restricciones a la movilidad se hicieron cada vez más severas. Luego de resolver las necesidades de abasto y sanidad pública más urgentes, comenzaron a evidenciarse los nuevos problemas que habríamos de enfrentar: la devastación natural, la pérdida acelerada de fuentes de alimentación, los



trastornos mentales provocados por el aislamiento y el decrecimiento de la población mundial. Los cuatro jinetes de nuestro apocalipsis. (2021, p.62) grifo nosso.

Não temos como ter certeza se os contos foram escritos durante a pandemia de Covid-19, ou antes dela, mas sem dúvida sua publicação foi durante a mesma e representa parte do pensamento dos autores nesse momento, uma característica que vemos durante o prólogo do livro e ao longo dos depoimentos após os contos é a necessidade de imaginar os próprios futuros (presentes, passados), diante de uma realidade presente que mostra-se angustiante, perante essa percepção vemos que os autores imaginam cenários por vezes mais otimistas, com movimentações de superação das adversidades atuais, outras vezes esses abismos tornam-se mais profundos ou o otimismo e o caos coexistem. Esses exercícios de narrativas se aproximam da proposta do pensamento decolonial proposta por Grosfoguel e Castro-Gómez: *“Son formas de conocimiento intersticiales, <híbridas>, pero no en el sentido tradicional de sincretismo o <mestizaje>, y tampoco en el sentido dado por Néstor García Canclini a esta categoría, sino en el sentido de <complicidad subversiva> con el sistema”* (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p.20)

Traremos algumas reflexões trazidas por alguns autores para exemplificar. Jorge Baradit, chileno e autor do conto *“La conquista mágica de América”*, trás a seguinte reflexão sobre no território latino-americano e por consequência, a FC aqui existente:

Latinoamérica es temporalmente circular. Sus indígenas siguen acá, sus conquistadores, sistemas feudales, modelos económicos de vanguardia, socialismos reales, guerrillas narcosatánicas, carteles que consumen ayahuasca o brujería asesorando ministerios completos. América es una acumulación rizomática caótica de gran belleza estética. Nada se ha ido, todo sigue acá, revolcándose como serpientes en celo, dando forma a un futuropasado permanente, un agujero luminoso y alucinado del que no puede salir, la gran olla donde se cocina el mestizo andrógino que algún día parirá el territorio. (2021, p.25)

O autor colômbiano do conto *“Êxodo X”* Luis Carlos Barragán trás em seu depoimento:

¿dónde puede uno rebelarse si no es en la imaginación? ¿Dónde puede uno inventarse soluciones posibles sin tener acceso al poder, y sin morir por ello, si no es en la ciencia ficción? [...] Ese es el rol que tiene la ciencia ficción en



Latinoamérica: permitírnos salir de nuestra achicada y empobrecida realidad, completar la independencia de nuestras naciones en el plano cultural, e imaginar que podemos ser mucho más de lo que ya somos. Mucho, mucho más. (2021, p. 34)

Para nos ajudar a pensar esse momento, além de trazer o debate decolonial, recorreremos às de percepção de tempo histórico propostas por Reinhart Koselleck, com as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa e de François Hartog, com a hipótese do Presentismo como uma forma de compreendermos o momento presente, isso é, o momento de publicação da obra, 2021.

Em “Futuro Passado” (1979/2006) Koselleck propõe a categoria de análise histórica “espaço de experiência e horizonte de expectativa”, a partir da percepção que em cada momento histórico a sociedade que se analisa possui diferentes espaços de experiência e horizontes de expectativa, isso é, a forma que ela se relaciona com o passado, a experiência, e o futuro, a expectativa, gera uma tensão que irá formar o tempo histórico, como ele coloca “é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico.” (Koselleck, 2006, p. 313).

Adentrando um pouco mais, “espaço de experiência e horizonte de expectativa” é uma metáfora espacial. O espaço é algo conhecido, concreto, é onde ocorreram situações que após sua elaboração vira uma experiência. Todavia, um mesmo espaço e uma mesma situação pode levar a experiências diferentes a partir da indagação que se faz ao longo do tempo. O horizonte é uma linha imaginária que separa a terra do céu e quanto mais o observador se aproxima da mesma mais ela se distancia, representa algo inalcançável porém até certo ponto previsível.

Koselleck pondera que antes das revoluções industriais e francesas, o espaço de experiência era maior, isso é, os conhecimentos do passado eram mais importantes para o funcionamento da sociedade. A valorização do conhecimento dos agricultores, dos ciclos da natureza e dos artesãos. A técnica, ainda que fora avançando aos poucos, não mudava de forma tão abrupta de uma geração para a outra. Nessa época o mesmo nota que, em complementaridade, o horizonte de expectativa não era tão vasto, a preocupação com o futuro geralmente era lida através da profecia bíblica do Apocalipse ou como vontade de Deus.

Esta é uma imagem fortemente simplificada, mas suficientemente clara para o problema com que nos ocupamos: as expectativas que eram ou que podiam



ser alimentadas, no mundo metade camponês metade artesanal aqui descrito, eram inteiramente sustentadas pelas experiências dos antepassados, que passavam a ser também as dos descendentes. Quando alguma coisa mudava, tão lenta e vagarosa era a mudança que a ruptura entre a experiência adquirida até então e uma expectativa ainda por ser descoberta não chegava a romper o mundo da vida que se transmitia. (Koselleck, 2006, p. 315)

Na modernidade, isso se modifica e as expectativas tomam uma importância maior que as experiências. O passado é ultrapassado, a história é vista de forma linear, progressiva, como um trilho de trem que rumo um futuro, que é melhor, mais tecnológico, mais perfeito. Enfim surge o conceito de progresso onde “[...] Aqueles dotados de uma superioridade técnica olhavam de cima para baixo o grau de desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos.” (Koselleck, 2006, p. 317).

Esse pensamento de supremacia de alguns povos em relação a outros, movido pela modernidade, o desenvolvimento e também a colonização de diversos territórios pela Europa, berço dessa ideologia, trouxe juntamente a ideia de superioridade epistêmica a qual Castro-Gómez e Grosfoguel criticam:

“[...] La caracterización de la periferia como sociedades <del pasado>, <premodernas> o <subdesarrolladas>, por parte de las elites criollas latinoamericanas de descendencia europea, sirvió para justificar la subordinación de los Estados-nación poscoloniales al despliegue del capital internacional durante los siglos XIX y XX; proceso que continúa hasta hoy.” (2007, p.15).

O progresso técnico-industrial ocorrido a partir do final do século XVII foi chave para que essa forma de se perceber a modificação da tensão entre experiência e expectativa, mesmo que fosse percebido de maneiras diferentes, “[...] o futuro, mesmo não podendo ser deduzido da experiência, trouxe não obstante a certeza de que invenções e descobertas científicas iriam criar um mundo novo [...]” (Koselleck, 2006, p. 321), junto aos pontos apontados, uma última característica que se observa desse período é a aceleração, onde continuamente algo novo é criado. Nessa percepção de sociedade, se antes o passado era presente pela sua importância na manutenção da vida, passou-se a ser obsoleto e “O futuro será diferente do passado, vale dizer, melhor” (Koselleck, 2006, p. 318).

Ainda sobre a modernidade, Rodrigo Bastidas Pérez nos trás a seguinte reflexão no



prólogo da obra: “*Se creó una gramática del progreso en la cual los países del tercer mundo, los subdesarrollados, se definían por su estar en proceso, estar en vías de; nunca por la afirmación de su presente sino por la posibilidad de su futuro.*” (2021, p.11). Seguindo essa linha de pensamento, as sociedades e culturas que não fossem suficientemente desenvolvidas estariam fadadas ao esquecimento e ao passado, isso é, a expectativa é a regra, do desenvolvimento, da evolução tecno-científica, da superação das culturas onde as experiências ainda eram válidas para compor suas realidades.

Essa tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa, para Koselleck é mutável e “[...] constituem uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual. Consciente ou não, a conexão que criam, modificando-se, possui uma estrutura de prognóstico.” (Koselleck, 2006, p. 313). Podemos entender que essa estrutura de prognóstico permite a imaginação de outros futuros, passados ou presentes na ficção científica? de outras tensões entre os tempos, que inevitavelmente irão representar a tensão da sociedade que a criou, isso é seu momento histórico?

Com isso chegamos às experiências e expectativas das sociedades ocidentais contemporâneas até o final do século XX, com o pensamento em busca de progresso e desenvolvimento. Porém, a partir do final da Guerra Fria, ou mais pontualmente com a queda do muro de Berlim em 1989, vemos que, aparentemente, houve uma nova mudança de tempo histórico. Uma das obras que exemplificam esse momento é “O fim da história” de Francis Fukuyama, publicado em 1992. Mignolo em “*El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto*” (2007) sinaliza que o fim da história não seria um fim por si, mas um momento de mudança de paradigma, onde o pensamento colonial se reinventa:

El <fin de la historia> sería, así, el triunfo del liberalismo, secundado por la cristiandad conservadora frente a la constante protesta de la izquierda marxista y de la filosofía de la liberación. [...] **Literalmente, empezó otra historia, la historia en la que el pensamiento colonial, gestado desde el momento fundacional de la modernidad/colonialidad, comienza a tomar el liderazgo.** (p.32) grifo nosso.

De acordo com ele, a colonialidade passa a se tornar global, no que preferem chamar “*del sistema-mundo europeo/ euro-norteamericano capitalista/ patriarcal/ moderno /colonial* (Grosfoguel, 2005) y no sólo del sistema-mundo capitalista” (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p.13):



El fin de la guerra fría terminó con el colonialismo de la modernidad, pero dio inicio al proceso de la colonialidad global.[...] Desde el enfoque que aquí llamamos <decolonial>, el capitalismo global contemporáneo resignifica, en un formato posmoderno, las exclusiones provocadas por las jerarquías epistémicas, espirituales, raciales/étnicas y de género/sexualidad desplegadas por la modernidad. De este modo, las estructuras de larga duración formadas durante los siglos XVI y XVII continúan jugando un rol importante en el presente. (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p.14) grifo nosso.

Refletindo sobre essa inquietação, desde outro lugar, o francês François Hartog elaborou a hipótese do Presentismo, o que propõe é que estaríamos vivendo um momento de crise do tempo, onde nossa experiência e expectativa, estariam em suspensão, em congelamento, dado que a experiência do progresso se mostrou falha, onde as expectativas para o futuro, antes esperado, se tornaram por vezes assustadoras.

No prefácio da edição de 2013, do livro “Regimes de historicidade - Presentismo e experiências do tempo” Hartog vem a colher dados como a crise econômica de 2008 que levou a uma recessão global, bem como sua não superação com o tempo, logo a não refutação da hipótese proposta, a do Presentismo, de uma concepção de tempo onde se vive a “tirania do instante”, levando a observar o passado como ultrapassado, que vem do Regime de historicidade anterior, marcado pelo conceito de progresso, e a não ter esperanças no futuro, como se a tensão proposta por Koselleck entre a experiência e a expectativa estivesse congelada, em angústia. Nesse momento, os sujeitos reagem mais do que agem.

Ainda que Hartog tenha escrito a partir da França, fala a respeito da angústia do sujeito contemporâneo imerso no capitalismo global, resgatando o que Robert Castel chamou de *précariedad*, do trabalhador precarizado, de um momento de tempo desorientado, onde coexiste a aceleração e a mobilidade juntamente a falta de passado, da desaceleração:

O presentismo pode, assim, ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante. A isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido não mais como promessa, mas como ameaça; sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos. (Hartog, 2013, p. 15)

Considerações finais

A partir da reflexão proposta e de uma análise inicial da obra, levantamos a hipótese que “*El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana*” (2021) está impregnado do que Hartog chamou de Presentismo, dessa angústia da crise do tempo contemporâneo, refletindo em obras onde coexiste a crise da memória, a falta de perspectiva com o futuro ou a constatação de um futuro distópico ou apocalíptico. Porém em ruptura com uma narrativa apenas apocalíptica ou pessimista de projeção de futuros, se agrega o sujeito latino americano, este que já estaria vivendo sob essa angústia ante a ferida colonial, sua complexidade cultural, epistêmica, híbrida a qual, por vezes contém uma esperança revolucionária, como relata Gabriela Damián Miravete, ao final do conto “*La sincronía del tacto*”:

Para mí, la ciencia ficción latinoamericana implica una amistad proteica en la que nos apropiamos del futuro para recuperar las posibilidades del pasado. Y, en el camino, ir construyendo un presente en el que pueda surgir, pese a todo, la esperanza. (2021, p.64).

Os espaços de experiências e horizontes de expectativas são variados, mas também incluem nessa tensão do tempo presente em imediata crise, a centelha decolonial, onde as epistemes híbridas que compõem a América Latina tem seu valor e seu espaço nas narrativas.

Portanto, em vias de concluir essa reflexão, observamos a complexidade que podemos encontrar, num ponto de vista histórico e intelectual na obra que escolhemos analisar, e como a partir dela podemos refletir sobre a relação temporal que existe no território latino-americano diante das experiências e expectativas que se apresentam no prólogo do livro, nas escolhas ao decorrer das narrativas dos contos bem como nos relatos que cada autorie nos trás após os mesmos.

Referências

AFP. A difícil coleta de dados sobre as mortes por Covid no mundo. **AFP**, 05/05/2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/05/05/interna_internacional,1490390/a-dificil-coleta-de-dados-sobre-as-mortes-por-covid-no-mundo.shtml. Acesso em: 24/07/2023.

BARADIT, Jorge. “La conquista mágica de América” em BASTIDAS, Rodrigo (comp.). **El tercer mundo después del sol: Antología de ciencia ficción latinoamericana**. Bogotá: Minotauro. 2021.

BARRAGÁN, Luis Carlos. “Êxodo X” em BASTIDAS, Rodrigo (comp.). **El tercer mundo después del sol**: Antología de ciencia ficción latinoamericana. Bogotá: Minotauro. 2021.

BASTIDAS PÉREZ, Rodrigo. **En nuestro caso es encuentro**: la Ecdisis como herramienta crítica para el análisis de la ciencia ficción colombiana. Uniandes. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniandes.edu.co/entities/publication/da58e863-b61d-4b5c-9f32-451eaceb44ef>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BASTIDAS PÉREZ, Rodrigo (comp.). **El tercer mundo después del sol**: Antología de ciencia ficción latinoamericana. Bogotá: Minotauro. 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **Relações entre ficção e história**: uma breve revisão teórica. ITINERÁRIOS–Revista de Literatura, 2004.

GROSGOUEL, Ramón; CASTRO-GOMEZ, Santiago (coord.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. 1ª edição, 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MIGNOLO, Walter. “El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramon (coords.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIRAVETE, Gabriela Damián. “La sincronía del tacto”, em BASTIDAS, Rodrigo (comp.). **El tercer mundo después del sol**: Antología de ciencia ficción latinoamericana. Bogotá: Minotauro. 2021.